

A
FILHA DAS
CINZAS

FERNANDA DE
PAULA MARQUES

A
FILHA DAS
CINZAS



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023
Copyright © Fernanda de Paula Marques, 2022

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA

Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Sarah Libna

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Marques, Fernanda de Paula

A filha das cinzas / Fernanda de Paula Marques - 1ª edição -
São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-57-1

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tele.: (11) 9.8020-0810

E foi das cinzas do fim que uma Incendiadora nasceu.

PRÓLOGO

Não importa quantos anos se passem ou quantas guerras aconteçam: enquanto as pessoas não conhecerem a história de seus antepassados, sempre vão continuar cometendo os mesmos erros. Mas como o mundo aprenderia com seus erros se todos eles foram levados ao vento?

Após tantas guerras, pandemias e colapsos ambientais, a Terra não conseguiu suportar a hipocrisia humana e, em um grito de socorro, ela reiniciou a vida, deixando as pessoas se reconstruírem neste mundo em fragalhos; algo como uma “última chance” talvez.

E como todas as vezes, nossos corpos conseguiram sobreviver se adaptar, desenvolvendo dons que nem mesmo os cientistas achavam ser possíveis... Contudo, também fomos medíocres demais, usando todo esse poder para pisotear em vez de ajudar.

Não sei se as pessoas da Argentina viviam em uma monarquia sanguinária, mas, se sim, lamento que Taleiau tenha seguido o mesmo caminho que seu antigo povo.

Afinal, não éramos dignos dessa chance, nem de qualquer outra coisa que viesse a acontecer de bom, ~~menos algumas pessoas~~. E talvez tenha sido por isso que fomos privados de todos esses dons na grande Anulação, reduzidos ao mesmo modo de vida que levávamos antes de tudo acontecer.

Talvez tenha sido o preço certo justo por nossas ações. Só lamento que Rory tenha de ser a única a consertar as coisas, mesmo ela não sabendo...

Jeftali

1

Muitas pessoas acham que ser uma princesa significa ter uma vida maravilhosa, cheia de empregados, perfumes caros, entrevistas exclusivas e o direito a uma família perfeita, sem problemas e preocupações, com grandes festas para ir e sorrisos bonitinhos para distribuir.

Se é o que você busca, é melhor fechar este livro agora mesmo, afinal a vida de Rory é bem diferente desses contos de fadas que passam na TV...

Vamos começar pela manhã do seu aniversário. O castelo estava todo decorado com flores ornamentais, o aroma das sobremesas invadia cada centímetro do palacete, câmeras circulavam por todos os corredores e três costureiras subiam a escada frontal, indo a um dos corredores de acesso ao quarto da princesa.

Como de costume, duas delas ficaram no início do corredor, enquanto a costureira-chefe ia até a porta do quarto para que elas tivessem a permissão de entrar, então a mulher — que demonstrava um olhar cansado, escondido por alguns fios de cabelo soltos do seu coque malfeito — bateu à porta com delicadeza, como se o menor toque pudesse quebrá-la em milhões de pedaços. Tudo o que ouviu em resposta foi o silêncio perpétuo do corredor.

Na esperança de ser ouvida, ela bateu mais uma vez, contudo o barulho causou um som forte e oco que deixou seus músculos tensos com a sensação de incômodo. Ainda assim, não escutou nada além do pigarrear de um dos guardas fazendo vigília na porta. O que pensariam dela se nem em uma porta ela conseguia bater direito?

Antes que a mulher batesse uma terceira vez, um grito agudo irrompeu o ar, seguido de um choro esganiçado que dava continuação ao terror sonoro.

A costureira deu um pulo para trás com o susto ao mesmo tempo que três dos seis guardas que ficavam no corredor correram em direção ao quarto, posicionando as pistolas contra o peito, prontos para atacar um exército inteiro conforme abriam as portas...

O que encontraram era algo muito pior do que qualquer exército inimigo. Todos os guardas ficaram sem palavras, paralisados no quarto como estátuas de gesso. Antes que a impedissem, a costureira entrou, morta de curiosidade, enquanto seus pés davam passos inseguros. Quem dera ela não tivesse entrado.

Ao passar os olhos pelo lugar, viu Rory encolhida em um canto do berço, segurando os cabelos bagunçados com desespero, com o rosto coberto pelas lágrimas que não paravam de cair. Do outro lado do quarto estava a rainha, Nadine, desfalecida no chão com seu vestido envolto por uma mancha de sangue, originado da adaga enterrada no lado direito de seu peito.

Parecia surreal. A costureira negava veementemente com a cabeça, tentando assimilar a ideia, mas, ao escutar outro grito abafado de Rory, ela entrou em choque, sem saber o que fazer ou como reagir a tudo o que estava acontecendo.

O grito de um dos guardas se juntou ao da criança, ordenando que o homem ao seu lado fosse correndo avisar o rei que a rainha estava ferida.

Quando o guarda saiu em disparada, outros cinco entraram, acompanhados de dois médicos, que logo pegaram Nadine e a levaram para outro quarto para ser atendida. O último guarda a sair parou por um instante, olhou para a costureira e disse:

— Você vai ficar aqui com a princesa até as criadas virem buscá-la.

— Mas... eu não posso... A rainha...

Ela era incapaz de formular uma frase inteira, e sua expressão horrorizada parecia indicar que logo desmaiaria ou sairia correndo sem direção, já que até mesmo sua sanidade parecia ter ido dar uma viajada.

— Deixarei um guarda aqui e quatro na porta. — O guarda deu de costas para a mulher, porém, antes de se retirar, virou-se para ela mais uma vez. — Cuide da princesa.

Suas palavras frias a fizeram tremer e tudo o que conseguiu fazer foi mover a cabeça em sinal de concordância. Em seguida, o guarda saiu e as portas se fecharam, fazendo-a respirar fundo enquanto procurava uma poltrona para se sentar.

Assim que seus nervos se acalmaram e seus batimentos voltaram ao normal, ela olhou para Rory, que já não chorava como antes nem soluçava tanto, mas continuava encolhida, com um olhar de desalento estampado em seu rosto conforme suas mãos continuavam tremendo. A mulher se levantou e pegou a pequena Rory no colo, incapaz de deixar a menina de um ano sozinha.

Sem saber ao certo o que fazer, ela dava voltas ao redor do berço, tentando acalmar a menina.

— Não chore, amorzinho... já passou. Está tudo bem agora, ninguém vai machucá-la. Eu estou aqui com você...

A cada palavra, era possível sentir a respiração de Rory desacelerar, ainda que seus olhos fossem os mais tristes e angustiados de todo o reino.

Alguns minutos depois, a costureira percebeu que a menina já havia dormido e a colocou no berço com toda a delicadeza para que a criança não acordasse. Em seguida, foi se sentar na poltrona. Suas pernas estavam cansadas e o lado esquerdo de sua cabeça latejava em uma enxaqueca que fazia parte da sua vida desde que se mudara para o palácio. A costureira fixou os olhos em um vaso de flor que ficava na mesa ao lado da poltrona em uma tentativa de dispersar a dor.

Depois de vários minutos encarando o lindo arranjo, ela notou que, ao lado do vaso, estava uma caneta preta, aparentemente muito mais cara do que seu salário, deixando algumas gotas de tinta mancharem a mesa. Ao lado dela, um abridor de cartas, aparentemente de prata, com o símbolo do país detalhado em ouro. Havia, também, um amontoado de papel-cartão organizado, porém a costureira reparou que um deles estava disperso da pilha. Em um ato instintivo, pegou o papel para devolvê-lo ao seu lugar de origem, entretanto, ao olhar para o item em suas mãos, notou algo escrito.

Querida Rory,

Me desculpe pelo que fiz, mas eu jamais poderia ser a mãe que você merece. Mesmo tendo tudo o que quero, não consigo fazer esta dor interminável acabar, e, por mais que tenha tentado, ela só vai me consumindo cada vez mais, apagando o brilho de todos os meus dias, como uma ferrugem corroendo o ferro e um tumor que consome a saúde do corpo. Me desculpe por tudo.

Espero que jamais entenda nem sinta esta dor, assim como acho que ninguém merece senti-la.

Nada do que aconteceu é culpa sua, muito menos de seu pai; ele é um homem bom e generoso. Espero que ele encontre alguém que possa amá-lo de verdade — amá-lo como eu jamais poderia — e que possa nutrir sua falta materna, alguém que possa ser uma mãe melhor do que eu tentei ser.

Não se esqueça: quero que você cresça e se torne uma mulher forte e corajosa, não tenha medo do mundo. Seja melhor do que eu.

Não chore nem se lamente por mim, pois não sou digna de nenhuma lágrima que escorra de seus olhos. Tomara que um dia você me perdoe.

Com todo o amor do mundo,

Nadine.

— A rainha... ela... ela... Não é possível!

A costureira jamais imaginaria que Nadine teria coragem de tirar a própria vida; justo ela, que estava no auge de sua felicidade, rindo por todos os cantos do castelo com o marido.

Não deve ser verdade. Não pode ser verdade!

O guarda que estava dentro do quarto olhou para a mulher, que parecia tão atordoada quanto um cachorro sem dono, e, sem pensar, ele se afastou da janela que dava para o jardim frontal e foi em direção a ela a passos largos e coordenados, como um brinquedo de corda.

— A senhorita está passando bem? — questionou o homem, que olhava para todos os lugares, menos para o rosto da costureira.

— A rainha...

A mulher parecia ter perdido as suas forças, assim como o ar parecia se tornar cada vez mais difícil de respirar.

— Já estão tomando todas as medidas para prender o assassino. Não se preocupe.

— Não...

— Não é necessário se desesperar... — O guarda tentou consolá-la, mas foi interrompido pelas mãos gélidas da mulher segurando seu uniforme negro.

— Você não está me entendendo. — A costureira fez uma pequena pausa, respirou fundo e continuou: — Não vão encontrar assassino nenhum...

— Como assim? — grunhiu, lançando seu olhar mais cortante para a mulher que quase não parava em pé.

— Nadine se matou — ela sibilou, tentando manter o controle para não desabar com as próprias palavras.

O guarda arregalou os olhos em completo espanto, e sua aparência ficou ainda pior do que a da mulher; logo, ele escondeu sua feição e olhou com seriedade para a costureira desnorteada.

— O que você está dizendo é algo muito sério. Uma mentira dessa proporção pode lhe causar a morte, senhorita.

Foi a vez de ele agarrar os braços dela, dando mais ênfase às suas palavras secas.

— Conheço muito bem as leis deste palácio, senhor. — Ela deu um profundo suspiro e se acalmou para não acordar Rory, que dormia agarrada a um leão de pelúcia. — Se não acredita em mim, veja com seus próprios olhos.

E entregou a carta ao guarda, que logo começou a lê-la com uma sobranceira arqueada.

Conforme seus olhos corriam pelas letras do papel, seu rosto ia esboçando uma reação pior que a outra, e, ao ler a última linha, o homem foi correndo até a porta, gritando com os soldados que estavam do lado de fora, como se fosse resolver algo.

Quando a costureira deu por si, o homem já havia saído em disparada em busca do rei, e Rory, por sua vez, levantava-se do berço aos prantos.